

- A Cultura como teia -Clifford Geertz -
- Clifford Geertz - 1926-2006. Fundador da escola interpretativa de antropologia

I) A redução do conceito de cultura á uma dimensão justa e a análise interpretativa da cultura

- O livro A Interpretação das culturas é um tratado de teoria cultural desenvolvido através de análises concretas.
- Ele vai criticar o uso desenfreado do conceito de cultura. Reduzi-lo a uma dimensão justa, ou seja, a um conceito que substitua o famoso “o todo mais complexo de Tylor”.
- Tylor: Culture (...) is that complex whole wich includs knowlegde, belief, morals, law, custon, and any other capabillites and habits acquiried by a man as member of society”
- Geertz diz que este conceito mais confunde do que esclarece.
- Cultura e Interpretação
- *“O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado à teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, á procura do significado” (Geertz, 1978: 15).*
- Geertz é representante de uma linha simbólica.
- O comportamento e a cultura são ações simbólicas.
- Preocupação analítica: é o significado

Exs: 1) No texto **a briga de galos em Bali**:

- o que os galos significam para o balinês?
- como entender este significado? O significado não vai estar pronto na cabeça do balinês. Como apreendê-lo então?
  - modo como os balineses se relacionam com os galos: comida, cuidados e higiene, adestramento
  - eventos importantes relacionados aos galos: briga de galos
  - quem participa, homens, mulheres, crianças?
  - será que levar as crianças desde a mais tenra idade para assistir as brigas pode ser uma pista da importância que isto tem para o balinês?

2) Se em vez de galos e balineses pensássemos em **carros**, o que isto nos diria sobre o universo masculino do homem contemporâneo?

- o que o carro representa, por exemplo, para o playboy moderno?
- há conotações sexuais entre carros e homens?
- será que o carro pode ser uma maneira de autoafirmação?
- será que ele reflete certos traços da sociedade contemporânea?
- em caso positivo, quais?
- que design tem mais chance de vender? E se eu for fazer uma comunicação visual para tornar o produto atrativo, qual seria?
- Se eu tiver que fazer uma propaganda que atinja o público jovem, como seria? De que jovem eu estou falando? Se for o yupiee, ligado em conforto, sofisticação, acessórios modernos, bancos de couro, será de um modo. Se for o funkeiro muda tudo. A ênfase deve recair em som potente. O som para o funkeiro é tão importante quanto o galo para o balinês?

3) Esqueçamos os carros e os galos. Olhemos para os **animais domésticos** e para as relações que o homem estabelece com eles:

- quais as animais domésticos preferidos pelas camadas urbanas tradicionais?
- qual a relação psicológica entre donos e animais?
- será que a gente projeta neles parte do nosso estilo de vida? Lembrar do filme “Os 101 dálmatas”
- o que será que a escolha da raça diz sobre o proprietário?
- e o que diz sobre a nossa cultura?
- sociedade contemporânea: pessoas vivem mais sozinhas do que no passado, as mulheres adiam a maternidade e a projetam sobre animais, a questão do estilo de vida foi transferida para a escolha das raças, humanizamos nossos animais.
- há comunidades virtuais de cachorros, festas de aniversário caninas, objetos de design super sofisticados e caros (há arranhadores de gato que são verdadeiras esculturas).
- a sociedade moderna de modo geral está cada vez mais ligada em aparência e isto se reflete cada vez mais nos bichos: mil acessórios, de esmaltes a colares...
- carteiras de identidade caninas...
- O anúncio de marcas de ração se tornou uma constante nos meios midiáticos...
- O mesmo vale para reportagens, seriados e filmes, que de um jeito ou de outro, tratam de animais.
- Poderíamos perguntar “Quais as representações sobre animais e humanos nos comerciais ou nos filmes” → Seria uma boa indagação em antropologia cultural.

4) Segundo Ronaldo Corrêa, mestre em tecnologia pelo CEFET de Curitiba, a partir da década de 80, o curso de **desenho industrial** da Universidade Federal de Pernambuco faz um casamento entre **antropologia, desenho e cultura material** de Pernambuco. Abrindo o olhar para a diversidade e para o estranho, e analisando a cultura material, *“entenderíamos as convicções íntimas, os valores, as idéias e atitudes de uma sociedade*

de um determinado período. Consequentemente, estaríamos situando concretamente os artefatos na **complexa teia social** que os produziu” (Côrrea, 2003). Ou seja, tudo a ver com o conceito de Geertz.

Se a cultura é uma teia

Se ela foi tecida pelo homem e ao mesmo tempo nos tece

Se eu preciso desvendar e interpretar (mais do que explicar) os símbolos

- Como eu uso isto na prática para desvendar um grupo e entender o que me interessa? (seja para pensar a personalidade humana, criar um acessório de design, fazer uma propaganda ou entender um momento/situação histórica)?

- Será que eu posso ver o design como uma manifestação da cultura da sociedade urbano-industrial?

- Como eu uso a semiótica (interpretação dos símbolos) na área de comunicação?

- Resumindo, como eu uso o método interpretativo para desvendar os eventos, os símbolos e a cultura do grupo que me interessa?

## II) O ofício do etnólogo

- O que os antropólogos fazem?
- Em antropologia, o que os praticantes fazem é etnologia e etnografia.
- Etnografia: gravar o comportamento, anotá-lo.  
Etnologia: interpretar o conhecimento que foi produzido.
- O que define estes procedimentos é o **esforço intelectual** que ele representa.
- A etnografia deve ser uma descrição densa.

### 2.1 – A descrição densa

- A descrição densa permite:
  - A) Entender algumas dificuldades e potencialidades do campo
  - B) Distinguir um tique nervoso de uma piscadela
  - C) Perceber que os dados passam pelo elo da significação.
  - D) Uma boa descrição já é em si mesmo densa e a densidade implica em interpretação

- A) Entender algumas dificuldades e potencialidades do campo

Exs: 1) Na briga de galos: a descrição de Geertz é tão minuciosa que parece que a gente tá vendo um filminho. Eu nunca vi um balinês ou uma briga de galos, mas eu sei, pelo texto, como eles são:

- todos os detalhes são descritos, inclusive, as **dificuldades do campo**. Isto nos ajuda a entender os problemas que o campo coloca e ter uma idéia de como lidar com eles  
- pesquisadores foram ignorados:

- Pg 186: *“Nas aldeias balinesas, pelo menos as que ficam afastadas do circuito turístico, nada acontece. As pessoas continuam martelando, conversando, fazendo oferendas, olhando para o espaço, carregando cestos, enquanto o estranho vagueia ao redor e se sente vagamente como um ente desencarnado (...) Então num dia, numa semana, ou num mês (para algumas pessoas este momento nunca chega), ele decide, por motivos que eu nunca fui capaz de entender, que você é real e ele se torna uma pessoa calorosa, alegre, sensível, simpática, embora seja balinês, muito controlada. De alguma forma você conseguiu cruzar uma fronteira de sombra moral ou metafísica (...) você é pelo menos visto como ser humano em vez de uma nuvem ou um sopro de vento”*
- isto reflete muito do que o balinês é. E cá entre nós, muito do que o capixaba é. Portanto, se vocês forem fazer um campo por aqui, seja ele qual for, saibam que será difícil.
- Geertz teve que achar uma via de acesso ao campo para alcançar o objetivo dele, que no caso era entender a briga de galos. A dica foi “em Roma, faça como os romanos”.

Pg 186: *“Minha mulher e eu ainda estávamos no estágio do sopro de vento, um estágio muito frustrante e enervante, em que se começa a duvidar até se se é verdadeiramente real, quando, de dias ou pouco mais após a nossa chegada, foi organizada uma briga de galos muito disputada em praça pública, para angariar dinheiro para uma nova escola”*

- As brigas de galos são proibidas, a polícia chegou.
- Os balineses correram, os antropólogos correram juntos:

Pg 186: *“Seguindo o princípio antropológico ‘Quando em Roma, faça como os romanos’, minha mulher e eu decidimos, alguns minutos mais tarde que os demais, que o que tínhamos a fazer era correr também”*. Eles correram e entraram com um fugitivo nativo num galpão, a mulher ele montou uma mesa, serviu um chá e quando os policiais chegaram, vendo os antropólogos por lá, fizeram uma aproximação dúbia. *“Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós (...) todos eles estavam muito satisfeitos e até mesmo surpresos porque nós simplesmente, ‘não apresentamos nossos papéis’, não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos demonstrar nossa solidariedade para os que eram agora nossos co-aldeões”*. Isto se chama em antropologia de criar uma **familiaridade** entre pesquisador e nativo.

2) se o meu campo fosse Goiabeiras e eu tivesse que entrevistar as mulheres do barracão. É possível que eu chegue lá e fique sem jeito, rodando que nem pião sem saber como chegar nelas. Eu tenho que dar um jeito de criar uma familiaridade.

No meu caso, eu puxei papo com um pescador que pintava uma canoa, descobri que ele gostava de ler, prometi livros, cumpri a promessa de levá-los e o campo se abriu para mim que nem mágica.

Houve casos em que o campo se abriu para os pesquisadores quando estes impediram, junto com os pesquisados, a derrubada de uma cerca.

B) Distinguir um tique nervoso de uma piscadela: é sacar coisas sutis que só com a pesquisa de campo bem feita e bem documentada eu entendo. Ninguém vai me dizer, eu é que vou ter que descobrir. Pode ser uma gíria, uma expressão da língua, e até o silêncio.

- Numa sessão de terapia, a observação de detalhes sutis é tudo.

- Numa assessoria, há detalhes que a pessoa quer que ela mesma não diz, eu tenho que decifrar.

C) Perceber que os dados passam pelo elo da significação.

- o galo, simplesmente, não diz nada. O que diz é a **relação** que o balinês desenvolve com eles, e esta relação é **simbólica**: passa por símbolos, por sua decodificação, por uma hierarquia entre eles, por níveis de sentido....

- e mais, eu não tenho que buscar o **meu** sentido e sim o sentido que a pessoa dá á sua prática: eu preciso me colocar no lugar do outro, sentir com o outro (o que Jean Jacques Rosseau chamaria de compaixão).

- ser designer e/ou publicitário é identificar estilos, assim como ser jornalista é identificar e criar linguagens: ora, nada disto está solto no ar, estas coisas só existem ancoradas em pessoas, em grupos, com identidades próprias.

- Assim é com carros, com animais de estimação, com ornamentos...Se eu leio um texto sobre ornamentos corporais entre os Suiá e sou tacanho, eu posso pensar “O que isto interessa para mim, o que tem a ver com o meu curso?”. Só depende da tua leitura: você pode pensar, “Bom, é uma tendência da moda e do estilo de pessoas que se pretendem ‘descoladas’ usar artefatos de grupos indígenas, assim, se eu identifico o que é próprio dos Suiá, eu posso bolar um artefato – pode ser um objeto de decoração, um brinco, um colar – e eu conquisto um nicho de mercado. Ou eu posso ir mais além e abstrair, perceber que não importa se o artefato é Suiá ou não, o que importa é que eu posso, com um texto deste, entender a importância que qualquer artefato, enquanto bem simbólico, tem na constituição de identidades.

- A panela é um exemplo de cultura material, mas também de cultura simbólica, pois fazer panelas não é moldar barro: é cristalizar um saber, que por sua vez vem de tradições...de histórias de família...De deslocamento pelo espaço até chegar em goiabeiras...De redes de relação...Eu não posso entender só a relação que a paneleira tem com a panela, pois a panela também não é só panela. Assim, eu tenho que descobrir mil

outras coisa para entender porque fazer panela é importante para a identidade da panela...  
 D) Uma boa descrição já é em si mesmo densa e a densidade implica em interpretação

**Um texto como a Briga de Galos me auxilia a desvendar como operam os símbolos, como se constroem identidades a partir deles, como eu construo afinidades com algum grupo, como eu transformo algo que é exótico em algo familiar e também o contrário, como eu posso pegar algo que me parece familiar e torná-lo exótico, de modo a melhor entendê-lo.**

- quando eu faço uma boa descrição, eu já vou analisando o que eu descrevo. Já vou classificando. Eu vou perguntar isso porque eu quero entender x. Ou seja, eu vou organizando e refletindo ao mesmo tempo, vou procurando os SENTIDOS. Eu não vou colher primeiro todos os dados para depois analisá-los, eu vou fazendo as duas coisas juntas.

É isso que Geertz faz no texto: repararem, não há duas partes, uma de dados, outra de análise, ele faz as duas coisas ao mesmo tempo. É o que eu espero que vocês façam no trabalho final.

Eu devo criar uma familiaridade com o meu campo.  
 Eu devo perceber os vários níveis de sentido que o grupo dá as suas práticas  
 Devo anotar tudo com o máximo de detalhe possível  
 Tenho que estar atento a tudo, desde coisas óbvias até coisas sutis  
 Tenho que tornar o que é exótico, familiar: apreender a lógica do outro.  
 Tenho que tornar o que é familiar, exótico: tenho que estranhar a mim mesmo, para melhor me compreender.

- O objeto da antropologia é uma **hierarquia de estruturas significantes** em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as imitações, os ensaios de imitação são percebidos e interpretados, e sem os quais eles de fato não existiriam.
- Tratam-se de **estruturas superpostas de inferências** através das quais o antropólogo tem que procurar seu caminho continuamente.

Exs: 1) na briga de galos:

- A **briga de galos** é, ao mesmo tempo: a) **um modo de extravassar os conflitos de uma sociedade de castas, sem mobilidade social.** É uma dramatização da vida social: o balinês, no plano do SIMBÓLICO, resolve as tensões que seriam impossíveis de serem resolvidas no dia-a-dia.

- De modo semelhante, fazemos o mesmo com o futebol:

Embora tenhamos, pelo menos em tese, mobilidade social, os conflitos entre as classes existem e se expressam no futebol: são-paulinos chamam os corintianos de maloqueiros, favelados, bandidos, urubus (referência á grande presença de torcedores corintianos

negros); corintianos chamam os são-paulinos de bichas, bambis, frescos, pós de arroz, mauricinhos, mimados.

- todos xingam os juízes e a polícia (normalmente, agentes da ordem), coisa que daria cadeia (desacato á autoridade) no dia-a-dia.

- a própria geografia da cidade de São Paulo, se modifica, são feitos “circuitos” só para corintianos, outros para “palmeirenses”, para evitar o confronto entre torcidas.

**b) um modo do balinês falar de si através dos galos:**

– galos são uma metáfora dos balineses: pg 188 “Da mesma forma que a América Do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam”

“A profunda identificação psicológica dos homens com os seus galos é incontestável. Aqui, o duplo sentido é deliberado. Ele funciona exatamente da mesma maneira em balinês como em nossa língua, com as mesmas piadas antigas, os mesmos trocadilhos forçados, as mesmas obscenidades”

- tudo é comparado á briga de galos, um homem pomposo, cujo comportamento está acima de sua condição é comparado a um galo sem rabo que se comporta como se tivesse um pomposo; o jovem casadouro, sem experiências com mulheres, é comparado a um “galo lutador engaiolado pela primeira vez”

- galos são submetidos a dietas e banhos especiais

- todo balinês dispende um tempo enorme com galos

Substituíam o galo por carros, ou por animais domésticos e fica bem fácil de entender o que os galos significam para o balinês e quais indícios vocês deveriam observar para entender aspectos da nossa sociedade.

**c) um modo do balinês expressar uma ambivalência da sua cultura:** ao mesmo tempo que o balinês ama seus galos, também detesta tudo o que diz respeito á natureza: o balinês não come em público, não engatinha. Se é verdade que ele associa o galo ao pênis, portanto com o seu “eu ideal”, também associa os animais aos demônios, aos poderes das trevas→ pg 190: “*Uma briga de galos, qualquer briga de galos, é, em primeiro lugar, um sacrifício da sangue oferecido aos demônios, com os cânticos e oblações apropriadas, a fim de pacificar sua fome voraz, canibalesca*”.

**d) Um dever de cidadania:**

- é um ritual de iniciação masculina, tanto quanto o futebol é para os brasileiros em geral.

e) A briga é também uma **interpretação que o balinês faz de si mesmo**, é uma leitura que os balineses fazem de si próprios. Nesta leitura, aparecem aspectos

“escondidos” no dia-a-dia, é uma espécie de “disfarce”, um jeito não de mudar o status, ou ascender financeiramente, pelo contrário, é um disfarce porque a briga de galos não faz nada acontecer na prática, mas no plano da cultura, expõe as contradições do próprio sistema.

1º nível: um evento, um costume, uma cantiga

2º nível: o que este evento diz sobre o povo e sobre a cultura?

3º nível: como ele se **relaciona com outros** dentro da cultura?

4º nível: como eu, enquanto pesquisadora, interpreto isso?

São, portanto, vários níveis de análise que eu tenho que descobrir. A **cultura** não é um bloco chapado de concreto, é mais uma **teia**, ou uma **onda**, com **vários níveis de complexidade**. Dependendo do objetivo, do tempo para a pesquisa, eu posso fazer uma análise menos complexa (se o meu objetivo for só identificar alguns traços da sociedade de consumo contemporânea -como o narcisismo, a solidão, o individualismo, o consumismo- para fazer uma campanha publicitária ou uma comunicação visual para vender qualquer coisa, inclusive amigos); ou mais complexa (se o meu objetivo for entender as mesmas coisa descritas acima porque eu quero entender a **mentalidade/a identidade** da sociedade contemporânea e no que isto me aproxima ou me afasta de qualquer outra sociedade, eu tenho que refinar a análise).

- Objetivo da antropologia - pg 24: É o alargamento do discurso humano: não é tornar-se nativo, mas conversar com eles.
- Objetivo do design social: “Fazer COM o usuário e não para ele” (Prof. Ana Branco, da PUC-Rio – Laboratório De Pesquisa de Aprendizado com Modelos Vivos – <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/anabranc/portugues/projetos.html>)

### III) A cultura como texto e o lugar do simbolismo na cultura (pg 210-213)

- *“Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 1978: 20).*
- Cômputo tinha como objetivos de pesquisa:
  - entender como o design interferia na produção local dos artesãos da Bahia
  - perceber as ligações entre cultura, cultura local, identidades, artefatos, cultura material, artesanato e design.

- relação entre o capitalismo (marcado pela globalização) e as culturas locais (marcadas por uma especificidade).

O método que ele escolheu foi o método **interpretativo proposto por Geertz**: “Esta opção se enquadra no **paradigma interpretivista**, que por sua vez caracteriza-se por ser uma tentativa de compartilhar significados com os outros”, trabalhando com a especificidade, valorizando pormenores, indícios, fragmentos, numa análise que parta da desocultação, do decifrar, do desvendar (pg 5).

- O comportamento é ação simbólica e a cultura é pública porque o seu sentido o é.  
Ex: 1) Na briga de galos:
  - é um dever de cidadania levar as crianças às brigas de galos.
  - vai ser na interação entre as pessoas que a gente vai entender o que é importante para elas
  - Ou seja, o significado não está na cabeça das pessoas, pronto, ele vai ser construído na dinâmica social: nas redes de relação, nas histórias que as pessoas contam, nas lembranças.
  - *Devemos indagar a importância do evento, o que está sendo transmitido com a sua ocorrência: o que a briga de galos diz sobre os balineses?*

## 2) Em goiabeiras

- No que a reforma da Fernando Ferrari influenciou na vida dos moradores de Goiabeiras? Como mexe com a organização do espaço, da circulação das pessoas?
- A panela não é só panela: ela pode ser casada, e casada com um marisqueiro, que por sua vez tem um irmão que é pescador, outro que é funcionário de limpeza da Ufes. Há uma **rede de relações** e eu só entendo a relação da panela com a panela se eu colocar isto num contexto maior.

## 3) Em Anchieta

- Se eu quero entender a relação entre pessoas, patrimônio e memória, eu não posso só ver as edificações como patrimônio. Se eu fizer isso, eu vou achar o máximo reformar uma Igreja. Isto aconteceu em Anchieta. Só que a reforma da Igreja Matriz, embora tivesse como objetivo recuperar características do final de 1500, foi mal vista pela população local, que sequer soube das intenções da reforma.
- Ela colheu pérolas como “Igreja é muito mais fria”, “Disseram que tinha que ser assim”, “Houve uma quebra, e a gente não conhecia aquela história. Ficou uma coisa vazia, ficou uma Igreja vazia” (pgs 56, 57).
- Para a população, a Igreja antiga representava mais o sagrado com o qual elas se identificavam.

- **Os lugares servem como palcos para a construção de identidades e deve-se atentar para isto antes de modificá-los.**

4) Casas não são só casas. Inúmeros projetos de urbanismo e arquitetura fracassam apesar de suas excelentes intenções. O projetista bola um conjunto habitacional para pessoas de baixa renda, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro. A prefeitura dá subsídios e a moradia é vendida barato. Mas ninguém quer. Por que deu errado? Onde o projeto falhou? Os quartos eram legais, até amplos. Boa ventilação. Até que bem moderno. Próximo a tudo. Supermercado a duas quadras. Mas você vai conversar com os devidos interessados e eles detestaram. Porque? Resposta: faltou o espaço para a horta. Aí você, que não é migrante de área rural, se pergunta “Que horta?”. Você não entende que o universo de referência do outro é diferente do seu, que valorizou o quarto (a sociedade urbana dá um valor danado à intimidade e supõe que seu palco privilegiado seja o quarto). Para o morador de origem mineira, a realidade pode ser outra, ele pode valorizar mais a cozinha, pois chegado que é chegado mesmo a gente recebe na cozinha, com o bolo assando...Com um bom pão-de-queijo...

- outro dado interessante e que diz muito sobre a nossa cultura é que segundo pesquisa do IBGE (2007), o brasileiro dá mais valor à **moradia** do que à educação: 35,5 % do salário vai para gastos com moradia e só 4,8 % para educação. Culturas falam de casas e casas, mostram características culturais não só e grupos, mas de uma sociedade inteira.

- A cultura também pode ser pensada como um texto, pois, como qualquer texto, sua **interpretação depende da época e do contexto**. Ela é **dinâmica**. Isto vale para balineses, índios Xavante e para nós. Tanto vale que os modelos de cozinha e de armários mudam constantemente de época para época e mesmo, de classe social para classe social. Há algum tempo atrás, era chique ter armário embutido de madeira, com portas pesadas. Hoje, ninguém mais quer este tipo de armário. Aliás, as classes médias e altas sequer falam em armários...Fala-se em “*closets*”. Mudou o conceito de armário, mas porque mudaram primeiro as pessoas e a importância que elas davam às coisas. **Mudou a visão de mundo**. É claro que depois vira uma bola de neve: sabendo o que as pessoas querem, a mídia investe em propagandas que propagam o novo estilo de vida, o que influencia outras camadas a aderirem...
- A cultura também pode ser vista como um texto porque os antropólogos **anotam** o discurso social e o fixam numa forma pesquisável. E ao fazê-lo, ele transforma um acontecimento que poderia ser apenas um mero passado em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

Ex: 1) anotações sobre a briga de galos permitem que a gente entenda os balineses, mesmo que a cultura deles se modifique depois.

Há casos, inclusive, de povos que estão recorrendo aos trabalhos dos antropólogos para resgatar alguns aspectos da cultura, como danças, cantos, mitologias. Muitas vezes, os idosos já morreram e a única forma de registro é o trabalho do antropólogo.

2) Ao investigar como as pessoas lidam com o patrimônio, uma análise antropológica envereda pelo passado e pelo que importa para as pessoas de uma comunidade, e o arquiteto, cristaliza isto num projeto de resgate, por exemplo, das casas de pedra entre uma comunidade italiana.

- **Descrição densa:** quatro características

I) Ela é **interpretativa**

II) O que ela interpreta é o **fluxo** do discurso social

III) A interpretação consiste em **salvar o dito** num discurso, de modo de modo que ele não se extinga e fixá-lo em formas pesquisáveis.

IV) Ela é **microscópica**.

- O conhecimento é localizado
- O antropólogo se defronta com as mesmas grandes realidades que os outros cientistas sociais (poder, mudança, opressão), mas ele as confronta em contextos muito obscuros e diminutos, para retirar deles a essência.

IV) O Conhecimento localizado: antropologia **NA** aldeia X antropologia da aldeia

- Para Geertz, o que é importante é aprofundar a busca pelas particularidades, e as condições de entendimento das culturas localizadas, e não mais das estruturas dos processos de pensamento, como queria Lévi-Strauss.
- A situação é parte integrante do conhecimento. A produção do sentido se dá em situação, é só lembrar de como fugir foi fundamental no momento da chegada da polícia em Bali.
- Olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar á nossa disposição as respostas que outros deram-apascentando outros carneiros em outros vales - e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que homem falou.
- A descrição etnográfica é microscópica e a análise cultural é intrinsecamente incompleta, e o que é pior, quanto mais profunda, mais incompleta. Olhar as dimensões simbólicas da ação social é mergulhar no meio delas.

“As sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas”